

LAZER E AS POPULAÇÕES LGBTQIA+:
um estudo sobre a produção de conhecimentos

Aline Amorim do Nascimento

Universidade Federal do Amapá

<https://orcid.org/0009-0001-0751-2020>

Gustavo Maneschy Montenegro

Universidade Federal do Amapá

<https://orcid.org/0000-0003-0807-6280>

Márcia Kelly Fonseca da Costa

Universidade Federal do Amapá

<https://orcid.org/0009-0008-3030-6728>

RESUMO:

Este estudo identifica e analisa a produção de conhecimentos sobre lazer e populações LGBTQIA+ disponíveis no campo de Estudos do Lazer brasileiro. Para tanto, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cujas fontes de consulta foram: Revista *Licere*; Revista Brasileira de Estudos do Lazer; Dissertações e Teses do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer; Anais do Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer. Foram levantados todos os textos publicados até outubro de 2024. Ao todo, identificamos 15 trabalhos, os quais abordam temas como: diversidade sexual e políticas de lazer; lazer e homossexualidades; práticas esportivas e sexualidade; torcidas de futebol *queer*; discursos midiáticos sobre homo afetividade e lazer; lazer, transexualidade feminina e sistema prisional. Concluímos que as pessoas LGBTQIA+ tem as suas possibilidades de lazer cerceadas, seja por medo de olhares discriminatórios ou mesmo de violência física. Os trabalhos destacam que os movimentos de defesa das pessoas LGBTQIA+ reconhecem a importância do lazer para uma vida com mais qualidade, mas que este não é um tema em constante evidência dentro do movimento. Percebemos também que as datas das publicações são espaçadas, sugerindo falta de continuidade de produções acadêmicas sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Educação. Populações LGBTQIA+. Produção de conhecimento

Abstract

This study identifies and analyzes the production of knowledge about leisure and LGBTQIA+ populations available in the field of Brazilian Leisure Studies. To that end, it is a bibliographic research, and the sources consulted were: Revista *Licere* (*Licere Journal*); Revista Brasileira de Estudos do Lazer (*Brazilian Journal of Leisure Studies*); Dissertations and Theses from the Interdisciplinary Graduate Program in Leisure Studies; and the Proceedings of the Brazilian Congress of Leisure Studies. All texts published up until October 2024 were collected. In total, we identified 15 works, which address topics such as: sexual diversity and leisure policies; leisure and homosexuality; sports practices and sexuality; queer football fan clubs; media discourses on homo affectivity and leisure; leisure, female transsexuality, and the prison system. We conclude that LGBTQIA+ individuals have their leisure opportunities restricted, whether due to fear of discriminatory gazes or even physical violence. The works highlight that LGBTQIA+ advocacy movements recognize the importance of leisure for a higher quality of life, but it is not a consistently prominent issue within the movement. We also observed that the publication dates are spaced out, suggesting a lack of continuity in academic productions on the subject.

KEYWORDS: Leisure. Education. LGBTQIA+ populations. Knowledge production

Resumen

Este estudio identifica y analiza la producción de conocimientos sobre ocio y poblaciones LGBTQIA+ disponibles en el campo de los Estudios del Ocio en Brasil. Para ello, se trata de una investigación bibliográfica, cuyas fuentes de consulta fueron: Revista Licere; Revista Brasileira de Estudos do Lazer; Dissertaciones y Tesis del Programa de Posgrado Interdisciplinario en Estudios del Ocio; Actas del Congreso Brasileño de Estudios del Ocio. Se levantaron todos los textos publicados hasta octubre de 2024. En total, se identificaron 15 trabajos, los cuales abordan temas como: diversidad sexual y políticas de ocio; ocio y homosexualidades; prácticas deportivas y sexualidad; hinchadas de fútbol queer; discursos mediáticos sobre homoafectividad y ocio; ocio, transexualidad femenina y sistema penitenciario. Concluimos que las personas LGBTQIA+ tienen sus posibilidades de ocio limitadas, ya sea por miedo a miradas discriminatorias o incluso por violencia física. Los trabajos destacan que los movimientos de defensa de las personas LGBTQIA+ reconocen la importancia del ocio para una vida de mayor calidad, pero que este no es un tema de constante visibilidad dentro del movimiento. También observamos que las fechas de las publicaciones están distanciadas, lo que sugiere una falta de continuidad en la producción académica sobre el tema.

PALABRAS CLAVE: Ocio. Educación. Poblaciones LGBTQIA+. Producción de conocimiento.

INTRODUÇÃO

A temática de gênero e sexualidade se faz cada dia mais presente no cotidiano da sociedade. É possível notarmos a discussão nos meios de comunicação, nos espaços de educação formal, em movimentos sociais e no campo político. Falar sobre a orientação sexual por muito tempo foi tratado como tabu na sociedade, sendo até mesmo considerada crime em algumas partes do mundo, o que gerou para a Comunidade LGBTQIA+¹ uma luta constante e incansável por seus direitos.

Segundo Oliveira (2020), a trajetória de uma pessoa LGBTI+ é frequentemente marcada pela estigmatização, humilhação, exclusão social, violência e negação de direitos, especialmente os direitos fundamentais, como a própria vida, simplesmente pelo preconceito enraizado em nossa sociedade. As manifestações homofóbicas, segundo Leal e Carvalho (2009), são fruto de relações de poder exercido sobre pessoas que não se adequam ao padrão heteronormativo, ocasionando a “famosa” LGBTfobia.

A sigla LGBTQIA+ é de relevância imprescindível, levando em consideração que representa não só a orientação sexual e identidade de gênero de um indivíduo, mas

¹ movimento político e social que defende a diversidade e busca mais representatividade e direitos para essa população, reúne orientações sexuais, ou seja, por quem cada pessoa se sente sexual e afetivamente atraída e identidades de gênero como a pessoa se identifica. Onde, cada letra possui um significado, em que L: representa lésbicas, G: gays; B: bissexuais; T: transgêneros; Q: queer; I: intersexo; A: assexuais; acrescido de um símbolo de soma no final, como uma tentativa de incluir demais variações de orientação sexual e identidade de gênero que não estão representadas nas primeiras letras.

também busca dar visibilidade na luta por garantia dos direitos sociais. As populações LGBT+ sofrem diversos tipos de violências e exclusões, devido a não se ajustarem à identidade sexual convencional imposta pela sociedade, incluindo, nesse contexto, a exclusão dos espaços de lazer (Reis; Martins, 2020).

De acordo com Oliveira (2020), em 2019, 329 LGBT+ tiveram morte violenta no Brasil, vítimas da LGBTfobia: 297 homicídios (90,3%) e 32 suicídios (9,7%). Já o dossiê Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2023, produzido pelas organizações Acontece Arte e Política LGBTI+, ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais e a ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos, informa que ocorreram 230 mortes LGBT+ de forma violenta no país, dentre estas, foram 184 assassinatos e 18 suicídios, o que perfaz a média de um assassinato a cada 38 horas, segundo o relatório (Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2023, 2024).

É importante a implementação de políticas públicas que incluam as populações LGBTQIA+ e lhe assegurem seus direitos. Góis e Soliva (2008) ainda apontam que o reconhecimento público da homossexualidade no ‘outro’ é o ponto-limite que separa os “cidadãos” dos “não cidadãos”, tendo como reflexo, entre outras formas, o uso indiscriminado da violência.

Vianna (2015, p.4) afirma que os movimentos sociais nascem “no campo do conflito gerado pela ausência de reconhecimento de uma determinada identidade coletiva em um contexto social, político e econômico”. O movimento LGBT surge em função da necessidade coletiva deste público, com o intuito de que as demandas por direitos sociais, fossem discutidas e atendidas em diferentes esferas do poder público, tais como a saúde, a educação, a assistência social, a segurança pública (Vianna, 2015).

Nesse contexto, as populações LGBTQIA+ têm restrições para o acesso ao lazer. Fatores como medo de olhares discriminatórios e atos de violência física, impõe para esta população, um cerceamento do lazer público. Isso reflete na incipiência dos espaços de lazer, os quais, quando existentes, são privados e de acesso restrito a grande parte da população (Reis; Martins, 2020). Portanto, ao não se ajustarem à identidade sexual hegemônica, os LGBT+ se vêm, muitas vezes, excluídos dos espaços de lazer.

As experiências de lazer podem proporcionar uma vida com mais qualidade às pessoas, estabelecendo vínculos de sociabilidade, criatividade, educação e formação cultural. O lazer pode ser vivenciado por meio de uma diversidade de manifestações culturais, como a dança, música, brincadeiras, festas, práticas esportivas, virtualidades. Diante disso, as práticas de lazer nos ensinam maneiras de ser e podem contribuir para que tenhamos valores questionadores da ordem social vigente (Marcelinno, 2008).

Por outro lado, reconhecemos que o lazer é uma esfera da vida social marcada pelos atravessamos interseccionais de classe, gênero, sexualidade e étnico-raciais (Maurício et al., 2014). Desta maneira, as condições de acessá-lo são desiguais, dadas as formas de opressão enfrentadas pelos grupos que marcam nossa estrutura social, como o caso de mulheres, pessoas negras, pessoas idosas, segmentos sociais mais empobrecidos e populações LGBTQIA+.

O presente estudo objetiva identificar e analisar a produção de conhecimentos sobre o lazer e as populações LGBTQIA+. O levantamento das produções acadêmicas foi realizado em quatro locais: Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL/UFMG); nas Revista *Licere* (vinculada ao PPGIEL/UFMG); Revista Brasileira de Estudos do Lazer – RBEL (vinculada a Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer - ANPEL); nos Anais do Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer - CBEL (evento realizado bianualmente pela ANPEL, desde 2014).

A escolha destes locais ocorreu, pois, no contexto brasileiro, estes espaços têm se consolidado academicamente no cenário do campo de Estudos do Lazer. Os Estudos do Lazer se caracterizam como uma área investigativa interdisciplinar, na qual diversas disciplinas acadêmicas têm colocado sua contribuição para melhor análise e entendimento deste objeto. Assim, áreas como Educação Física, Turismo, Sociologia, Terapia Ocupacional tem envidados esforços no sentido de ampliar e difundir temas e reflexões sobre o lazer.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é um levantamento de informações publicadas

em formato de artigos científicos, teses, dissertações e livros, como explica Gil (2017). Segundo o autor, embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Desta maneira, a pesquisa ocorreu por meio de um mapeamento da produção de conhecimentos sobre o lazer das populações LGBTQIA+ nas Revistas *Licere* e RBEL; das Dissertações e Teses do PPGIEL; Anais do CBEL. Foram selecionados trabalhos disponíveis até outubro de 2024. Ao todo, foram encontradas 15 pesquisas, sendo sete artigos, sendo quatro na *Licere* e três na RBEL; dois trabalhos disponíveis nos anais do CBEL, (edições de 2016 e 2018); No PPGIEL identificamos seis trabalhos, sendo quatro dissertações de mestrado e duas teses de doutoramento.

Para a seleção dos artigos nos periódicos, primeiramente, eram lidos os títulos dos trabalhos. Quando identificada aproximação com a temática LGBTQIA+, os mesmos eram selecionados. O mesmo critério foi adotado para a seleção dos trabalhos nos Anais do CBEL. Foram lidos os títulos de todos os trabalhos publicados, e na medida em que se identificava aproximações com o tema em tela, os mesmos foram agrupados à pesquisa.

As dissertações e teses do PPGIEL foram consultadas diretamente na página *online* do Programa, na aba Dissertações e Teses. O *site* disponibiliza trabalhos defendidos desde o ano de 2008. Assim, foram lidos os títulos de todos os trabalhos disponibilizadas até outubro de 2024. Na medida em que se identificava temas ligados ao assunto desta pesquisa, os mesmos eram selecionados.

Resultados e Discussões

Artigos da Revista *Licere* e RBEL

Dos sete artigos identificados nas revistas, três relacionam a temática LGBTQIA+, lazer e manifestações esportivas (Anjos, 2014; Kesller, 2020; Pinto; Almeida, 2014), um aborda a diversidade sexual e políticas públicas de lazer para as pessoas LGBTQIA+ (Reis; Martins, 2020), um discute as produções científicas dos principais periódicos nacionais e internacionais de lazer, relacionadas às populações LGBTQIA+ (Tavares; Polo, 2021a), um artigo discute a experiência de lazer de mulheres homossexuais (Barbosa, Liechty, Pedercini, 2013), um artigo explora os

sentidos do uso recreativo de drogas por homens homossexuais (Garcia; Fortes, 2024).

O estudo de Barbosa, Liechty e Pedercini (2013) discutiu, a partir de uma pesquisa bibliográfica, as restrições ao lazer vividas por mulheres lésbicas. O artigo problematiza que as experiências de lazer entre homens e mulheres são muito diferentes, dadas as desigualdades de gênero impostas pela sociedade. As autoras consideraram que o tema lazer para lésbicas era subexplorado pela literatura acadêmica. Segundo este estudo, as restrições ao lazer das mulheres lésbicas variam, desde as expectativas pelo comportamento de gênero, lazer em família, homossexualidade feminina, e receio por violência homofóbica em espaços públicos.

Nesta pesquisa é apontada a necessidade de dialogar com as particularidades de cada grupo social, pois hegemonicamente, as mulheres lésbicas são colocadas nas mesmas amostras das mulheres em geral, ou de homens homossexuais. Desta maneira, as pesquisadoras indicam a necessidade de um olhar interseccional, pois a opressão social e enfrentamentos encontrados por lésbicas, as colocam num contexto muito particular, que muitas vezes não se compara a nenhum outro grupo. Em suas palavras “lésbicas deveriam ser vistas não apenas como um grupo oprimido que merece empatia, mas como uma forma particular de ser mulher que pode trazer muitas ideias e conscientizações para discussões sobre inequidade entre gêneros” (Barbosa, Liechty e Pedercini, 2013, p.5)

Dada a sociedade lgbtfóbica, as lésbicas sofrem com estereótipos associados à feminilidade e masculinidade, estando expostas à violência de ordem física, moral e psicológica. O artigo argumenta que mulheres enfrentam desproporcionalmente mais restrições ao lazer, quando comparadas com homens, o que ocorre por aspectos socioculturais, como expectativas de gênero, de maternidade, desemprego e acúmulo de tarefas profissionais e domésticas. Assim, é apontado que existe uma potencialização das restrições ao lazer de lésbicas, pelo fato de serem mulheres e homossexuais, o que acarreta em mais cerceamento para vivências de lazer, como o receio de olhares discriminatórios e violência física.

O trabalho de Pinto e Almeida (2014) apresenta e problematiza a relação entre futebol e sexualidade, mais precisamente entre o futebol e a homofobia, tentando compreender, por meio da dualidade de um padrão normativo que justifique e afirme um modelo hierárquico e subjetivo de masculinidade, o que ocasiona a discriminação

e estigmatização de quem não cabe nesse ideal. Trata-se de um ensaio que buscou analisar a articulação das torcidas *Queer* e anti-homofobia, visando desestabilizar o padrão heteronormativo, que regula as relações nos estádios de futebol.

As torcidas organizadas *queers* e anti-homofóbicas foram criadas como uma forma de se contrapor ao modelo viril de masculinidade, ainda arraigadas no futebol.

Diante disso, os autores destacam:

a ausência de alguns comportamentos reconhecidos como emblema de uma forma específica de masculinidade representa uma falta de virtude e até mesmo um desvio de caráter e a mídia especializada, que atua como mediadora das informações e dos saberes sobre o jogo a serem transmitidas para o público, muitas vezes, contribuindo para naturalizar estereótipos, como a de que gays e mulheres não gostam ou não se interessam por futebol (Pinto; Almeida, p. 2014, p. 5).

De acordo com este estudo, em 2013, surgiram torcidas que se autointitulam como *queers* e anti-homofóbicas. Essas torcidas se caracterizam por questionar a masculinidade como legítimo participante das cearas futebolísticas. Além disso, são espaços de contraposição à homofobia e ao machismo, os quais segregam gays e mulheres dos estádios. Pinto e Almeida (2014) concluem que, apesar das muitas ameaças, hostilidades e restrições que dificultam a ocupação das arquibancadas nos estádios, esses torcedores ofereceram reflexão e conseguiram dar visibilidade ao debate sobre homofobia e masculinidade no futebol.

O trabalho de Anjos (2014), o qual é intitulado de “representações sobre homossexualidades e esportes: desdobramentos para o campo do lazer”, trata-se de um recorte feito pela autora da sua então dissertação de mestrado. Analisa os discursos de *sites* de quatro jornais (Estado de Minas, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo), acerca de um episódio no qual torcedores de uma equipe de voleibol ofenderam um atleta com expressões homofóbicas ao longo de uma partida entre os times Vôlei Do Futuro e Sada Cruzeiro, ficando conhecido como o “Episódio Michael”².

Sobre as matérias analisadas nos *sites*, Anjos (2014) relata que não há consenso sobre o fato das manifestações da torcida terem sido um ato de preconceito. No *site* do Estado de Minas, não se confirmava, nem se negava, a presença de homofobia nas manifestações dos torcedores, preferindo afirmar que houve uma

² Na partida entre Vôlei Futuro e Cruzeiro, disputada em Contagem, Michael foi hostilizado pela torcida mineira. Na semifinal da Superliga masculina 2010/2011.

denúncia ou acusação por parte do jogador. Já nos *sites* dos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo, o caráter homofóbico das manifestações não é posto em dúvida, todavia, as reportagens não problematizam a situação sob o prisma de sexualidade e/ou gênero. Para a autora, houve uma abordagem simplista e acrítica dos veículos de comunicação.

O estudo de Kessler (2020) aborda dados etnográficos e bibliográficos revelados em pesquisas brasileiras, as quais abordaram o tema da lesbianidade no futebol/futsal, relacionado em manifestações de esporte e lazer. A autora inicia o trabalho por meio de uma reflexão histórica, afirmando que práticas homoafetivas eram tidas como patológicas. Sobre a questão lésbica, destaca que o movimento da contracultura³, no final dos anos 1960, foi importante para o direito das mulheres, inclusive, para maior liberdade sexual. Informa também que em 1990, a "homossexualidade" foi retirada do Catálogo Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Kessler (2020, p. 50) afirma que o futebol tem um pioneirismo quando se trata de "propiciar visibilidade a orientações sexuais não normativas, com exemplos esportivos de lésbicas e bissexuais auxiliando a quebrar tabus relacionados às sexualidades". Segundo a autora, ainda é comum que jogadoras de futebol relutem em revelar sua orientação sexual e a maioria nunca teve filhos. Além disso, o não cumprimento das expectativas da sociedade, sobretudo em relação à maternidade, é uma fuga de um papel social imposto contra padrões heteronormativos.

De um lado, o futebol funciona com um local de proteção para as mulheres, em relação a situações de preconceito e violência, pois ali, elas se sentem mais seguras em expressar a sexualidade, desejos, afetos e paqueras, ou seja, um ambiente que permite experimentações sexuais e afetivas que extrapolam a lógica heterossexual. Todavia, em alguns contextos, sobretudo no futebol profissional, é comum que as jogadoras enfrentem questões como imagem pública e recomendações, sobretudo em relação a demonstrações públicas de afeto e "masculinização". Portanto, se por um lado, o futebol pode ser um local de rompimento de heteronormatividade, não

³ "O termo contracultura foi cunhado pela imprensa norte-americana dos anos 1960. Referia-se a manifestações culturais marginais, contestadoras, que floresciam nos EUA e em outros países, especialmente na Europa, representando formas não tradicionais de oposição."

significa que não existam cerceamentos e perseguições no que tange a expressão da sexualidade lésbica e bissexual.

O trabalho de Tavares e Polo (2021a) discute as produções científicas dos principais periódicos nacionais e internacionais de lazer, relacionadas às populações LGBTQIA+. A pesquisa buscou mapear produções feitas em quatro diferentes plataformas digitais, sendo duas brasileiras (Revista *Licere* e Revista Brasileira de Estudos do Lazer (RBEL)) e duas internacionais (*Leisure Studies* e *Leisure Sciences*). As autoras também apontam os temas publicados com maior frequência sobre este assunto e as comunidades representadas nos principais periódicos da área.

A busca ocorreu durante o mês de abril de 2021. Foram selecionados 16 artigos, sendo divididos da seguinte maneira: dois artigos na RBEL e dois na Revista *Licere*, sendo duas publicações entre os anos 2013-2014, e duas durante o ano de 2020. No âmbito internacional, foram encontrados 12 estudos, sendo nove trabalhos na *Leisure Studies* e quatro na *Leisure Sciences*. Os estudos foram publicados entre os anos 2006 e 2021. Diante disso, tanto no contexto nacional, quanto no internacional, Tavares e Polo (2021a) concluem que as publicações são espaçadas, não podendo apontar um ano de “maior produção” sobre a temática.

A maioria das pesquisas (14) trata do tema esporte, seja no contexto do lazer ou do alto rendimento. Isso indica a necessidade de diversificação de temáticas relacionadas ao lazer das populações LGBTQIA+. Além disso, também foi apontado que as produções brasileiras não focalizaram as experiências de pessoas transexuais e travestis, sendo que nas publicações internacionais, apenas um estudo analisou especificadamente este grupo. Diante disso, Tavares e Polo (2021a) reforçam que o negligenciamento sobre o debate acadêmico relacionado a travestis e transexuais também se aplica aos Estudos do Lazer, pois as pesquisas tendem a abordar a população LGBT no geral, o que demonstra a necessidade de um olhar mais cuidadoso para as pessoas que fogem do padrão cisnormativo⁴.

O trabalho de Garcia e Fortes (2024) analisou os sentidos do consumo de drogas por homens homossexuais no contexto de lazer, na região metropolitana do Rio de Janeiro. A pesquisa foi realizada em três locais, sendo uma boate, uma academia de ginástica e a Praia de Ipanema. A pesquisa possui cunho etnográfico e

⁴ Entende-se por cisnormatividade um dispositivo que regula e determina sentidos de coerência para os processos de constituição de gênero, o qual se concretiza por meio de processos de exclusão, apagamento e estigmatização de pessoas transsexuais (FUCHS; HINING; TONELI, 2021).

foi realizada entre 2019 e 2023. Os autores argumentam que na contemporaneidade, existem diversas formas de experimentar lazer, sendo que muitas delas podem ultrapassar formas convencionais, e se conectar em atos transgressores da noção de limites à vida cotidiana.

Garcia e Fortes (2024) analisam que o uso drogas, no contexto do lazer, são dois aspectos entrelaçados do comportamento humano, os quais têm sido objeto de significativo interesse e estudo. Os autores afirmam que a relação entre o uso de drogas e as atividades de lazer é influenciada por fatores sociais, culturais e individuais. A utilização destas substâncias é entendida como uma maneira de aprimorar as experiências de lazer, escapar das realidades cotidianas ou explorar estados alterados de consciência. Assim, “o uso de drogas durante o tempo de lazer pode ser percebido como um meio de relaxamento, prazer ou autoexpressão, e pode estar associado a encontros sociais, festas, festivais de música ou outros eventos recreativos nos quais o uso de drogas é normalizado ou até celebrado” (Garcia; Fortes, 2024, p. 4-5).

De maneira geral, o estudo ressalta que o uso de drogas faz parte do estilo de vida dos grupos investigados, com foco para intensificar o prazer, encontros sociais e amorosos. Além disso, Garcia e Fortes (2024) ressaltam que o principal intuito dos membros dos grupos, seria elevar a diversão a um patamar mais intenso. Para o grupo investigado, o uso recreativo de drogas objetiva aprimorar a experiência de lazer, intensificar percepções sensoriais, prolongar a sensação de prazer, aprimorar o desempenho na música, na dança, intensificar conexão e intimidade entre os membros da comunidade. Além disso, o uso recreativo dessas substâncias visa gerar uma atmosfera de desinibição, experimentações de lazer e sensações intensificadoras de prazer e satisfação pessoal.

Anais do CBEL

Em relação aos trabalhos disponíveis nos Anais do CBEL, identificou-se duas produções, sendo elas o trabalho de Tavares (2016), o qual aborda as ações sobre lazer, realizadas por Organizações Não Governamentais (ONG's) que atuam com a temática LGBT e o trabalho de Tavares e Polo (2021), que discute as produções científicas dos principais periódicos nacionais e internacionais de lazer, relacionadas às populações LGBTQIA+.

Tavares (2016) busca diagnosticar e analisar o campo de atuação profissional no terceiro setor para o lazer, a fim de compreender o trabalho realizado nesse campo por ONGs ligadas ao movimento LGBT. Dentre outras questões, a pesquisa analisa o conceito de lazer que permeia as atividades dessas organizações e identifica os profissionais responsáveis pela execução das mesmas.

O texto afirma que as atividades de lazer são destinadas ao público LGBT, mas abertas ao público em geral. Os objetivos dessas ações vão desde trabalhar a autoestima até o empoderamento, visando estimular um protagonista social. Para os profissionais envolvidos, a relação com o órgão é de combate e a atuação no evento vem, na maioria das vezes, de trabalho voluntário. O conceito de lazer, apresentado de diversas formas, converge em sua compreensão para um tempo caracterizado pela busca do prazer, não associado a obrigações. Sobre a presença do lazer na pauta do movimento LGBT, o trabalho destaca que os entrevistados não foram claros sobre essa questão, e que apesar da constante luta por seus direitos constitucionais, ainda há um longo caminho a ser percorrido.

Por fim, o trabalho de Tavares e Polo (2021b)⁵ discute as produções científicas dos principais periódicos nacionais e internacionais de lazer, relacionadas às populações LGBTQIA+. A pesquisa buscou mapear produções feitas em quatro diferentes plataformas digitais, sendo duas brasileiras (Revista *Licere* e Revista Brasileira de Estudos do Lazer (RBEL)) e duas internacionais (*Leisure Studies* e *Leisure Sciences*). As autoras também apontam os temas publicados com maior frequência sobre este assunto e as comunidades representadas nos principais periódicos da área.

A busca ocorreu durante o mês de abril de 2021. Foram selecionados 16 artigos, sendo divididos da seguinte maneira: dois artigos na RBEL e dois na Revista *Licere*, sendo duas publicações entre os anos 2013-2014, e duas durante o ano de 2020. No âmbito internacional, foram encontrados 12 estudos, sendo nove trabalhos na *Leisure Studies* e quatro na *Leisure Sciences*. Os estudos foram publicados entre os anos 2006 e 2021. Diante disso, tanto no contexto nacional, quanto no internacional, Tavares e Polo (2021b) concluem que as publicações são espaçadas, não podendo apontar um ano de “maior produção” sobre a temática.

⁵ O trabalho também foi publicado como artigo completo na Revista Brasileira de Estudos do Lazer, e encontra-se debatido neste artigo

Dissertações e Teses do PPGIEL

Os trabalhos disponíveis no repositório de dissertações e teses do PPGIEL/UFMG que abordam diretamente o tema desta pesquisa são: (a) “Homossexualidades masculina, lazer e Hiv/aids: entre a revelação e o encobrimento das identidades”, de autoria de Sales (2009); (b) “Na parada do lazer: diagnóstico do campo de atuação profissional em ONGs LGBT de Belo Horizonte/MG”, o qual tem como autora Tavares (2011); (c) “Quando o silêncio é rompido: homossexualidades e esportes na internet”, de autoria de Anjos (2013); (d) “Pedagogia do Armário: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais”, de autoria de Silva Júnior (2018); (e) “As populações LGBT+ nas políticas públicas de lazer do estado de Minas Gerais”, de autoria de Silva (2021) e (f) “lazer, mulheres trans e sistema prisional: um estudo sobre as práticas de lazer na penitenciária Prof. Jason Soares Albergaria”, de autoria de Rodrigues (2022).

Na dissertação de Sales (2009), o autor buscou discutir as vivências e possibilidades de lazer de homossexuais masculinos que vivem com o HIV/aids. O autor constatou que os soropositivos enfrentavam dificuldades em relação ao medo e estigmatização por parte da sociedade conservadora. Assim, o preconceito repercute na subjetividade dos sujeitos, influenciando no isolamento e na redução das possibilidades de vivências de lazer. Essa condição de fragilidade da autoestima é potencializada pelo medo de ser identificado como homossexual e portador de HIV.

Esta pesquisa foi realizada com homens soropositivos, que se identificam como homossexuais, que a época do estudo, frequentavam o Grupo de Apoio e Prevenção à Aids – GAPA-MG, uma Organização Não Governamental (ONG). Sales (2009) comenta que estudos acerca do lazer de pessoas que vivem com HIV/aids são escassos. Segundo o autor, a maioria das publicações está voltada às atividades físicas e seus benefícios, não abordando o lazer, propriamente dito

A pesquisa ressaltou que mesmo diante problemas de ordem física, social e psicológicas, os participantes do estudo mantêm vivo o interesse pelo lazer, mesmo diante barreiras como falta de dinheiro, falta de tempo, pelo medo do preconceito ou ainda limitações de acesso às práticas de lazer. Atividades de sociabilidade como bares, passeios, festas, mesmo que de maneira reduzida, se fazem presente na vida. Os participantes da pesquisa relacionam a experiência do lazer em atividades que

gostam ou que lhes proporcionam diversão e prazer, estando sós ou em companhia de pessoas que fazem parte dos seus vínculos de amizade.

No estudo realizado por Tavares (2011), a autora buscou analisar as concepções de lazer que permeiam as ações de organizações não governamentais que estão ligadas ao movimento LGBT, na cidade de Belo Horizonte/MG. Fizeram parte da investigação duas instituições, sendo a Associação Lésbica de Minas (ALEM) e o Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual e Identidade de Gênero de Minas Gerais (CELLOS).

A pesquisa ressalta que a ALEM direciona suas ações às mulheres lésbicas e mulheres bissexuais, enquanto o CELLOS trabalha também com as outras identidades, atendendo um público mais diferenciado. É importante ressaltar que ambas as instituições não restringem suas atividades à população LGBT, recebendo também heterossexuais interessados em participar delas. No CELLOS, há certa focalização no público da classe baixa, por entender que é um grupo mais vulnerável na sociedade (Tavares, 2011).

Assim, Tavares (2011) chegou à conclusão de que as concepções de lazer nestas instituições se apresentam de forma diversificada, convergindo-se a um tempo caracterizado pela busca do prazer, e que as atividades de lazer na agenda do movimento LGBT não apresenta uma clareza sobre o assunto. Essas instituições desenvolvem ações de lazer, mas o mesmo não é vislumbrado e nem posto como prioridade. A época da pesquisa, as instituições trabalhavam com atividades diferenciadas, que envolviam desde as artes, musicalidade e atividades físicas, como o futebol e o vôlei (Tavares, 2011).

A pesquisa de Anjos (2013)⁶ versa sobre um episódio ocorrido com o jogador de voleibol Michael, em que, durante uma partida, a torcida do time adversário entoava gritos homofóbicos de “bicha” contra o jogador. Diferentemente de muitos outros casos que são invisibilizados, este ganhou notoriedade pela mídia. O *corpus* do estudo foram os discursos vinculados sobre o caso nos *sites* dos jornais Estado de Minas, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo, por meio de matérias e seus respectivos comentários de leitores.

⁶ Esta pesquisa também foi publicada como artigo completo na Revista Licere, e encontra-se debatida neste artigo

A pesquisa desenvolveu uma reflexão sobre a homofobia no esporte, e de maneira mais ampla, na sociedade em geral. As homossexualidades, sobretudo no campo esportivo, parecem ser consideradas demasiadamente indesejáveis ou intoleráveis para se tornarem notícia, mantendo-se, assim, sob o silêncio, como algo marcado para não ser percebido (Anjos, 2013).

Anjos (2013) apontou que um grupo de leitores-comentaristas, dos jornais analisados, questionou o caráter homofóbico das manifestações, entendendo que este comportamento é algo “natural” da seara esportiva. Já um outro conjunto de leitores reprovou a atitude da torcida, entendendo que os homossexuais devem ser respeitados, mas que estes deveriam ser “discretos” e evitar “demonstrações públicas” de carinho. Para a autora, os discursos encontrados, mesmo entre os que criticam as manifestações da torcida, se pautam em parâmetros heteronormativos, com forte presença de violência simbólica, supondo assim, uma coerência entre sexo, gênero e sexualidade.

No trabalho realizado por Silva Junior (2018), é debatida a participação de homossexuais na assistência do futebol. O autor destaca que o futebol e o torcer são consideradas práticas de lazer, porém, estas práticas são permeadas por uma dominação masculina. Nesta pesquisa, foram realizadas entrevistas com um grupo de torcedores *gays*, com o intuito de compreender como estes se apropriam do espaço futebolístico. Concluiu-se que nenhum dos sujeitos participantes da pesquisa estava alheio a homofobia nos estádios, e que estes acabam reproduzindo comportamentos heterossexistas e homofóbicos em semelhança aos demais torcedores (Silva Júnior, 2018).

O trabalho de Silva (2021) identifica como as secretarias estaduais envolvidas na elaboração e execução de políticas públicas de lazer, do estado de Minas Gerais, abordam as pautas LGBT+. A autora identificou que as ações e programas de lazer, para o público em tela, tem caráter temporário. Porém, observou que são atividades de aspecto educativo, as quais contribuem para o enfrentamento das LGBTfobias. Além disso, identificou o hábito de realização das políticas de lazer para os públicos LGBT+ por meio de parcerias com o mercado, o que, sob seu ponto de vista, pode ser uma forma de combate ao preconceito.

Por fim, Silva (2021) conclui que o lazer ainda é visto pelo poder público como um meio para se obter outros objetivos, ou seja, como se o lazer, por si só, não se

justificasse. Por fim, a autora aponta que as discussões de identidade de gênero e sexualidade deveriam ser pauta de formação dos/as profissionais envolvidos/as na realização de ações de lazer.

A pesquisa de Rodrigues (2022) investigou as vivências de lazer por mulheres trans, na penitenciária Professor Jason Soares Albergaria⁷, unidade prisional situada no município de São Joaquim de Bicas, na Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG. A pesquisa explicita não haver uma percepção de lazer como direito em uma unidade prisional, visto antes como um benefício/regalia. O autor avalia que o Poder Público se ausenta da tarefa de propiciar recursos para a vivência de lazer, o qual, é possibilitado por iniciativas financiadas por familiares e agentes voluntários.

Dentre as principais vivências de lazer das mulheres trans estão o salão de beleza, o banho de sol, atividades realizadas dentro de algumas celas, como a leitura, a escrita, a prática de assistir televisão ou ouvir rádio, a prática do artesanato ou a do desenho. Além disso, Rodrigues (2022) ressalta que marcadores sociais, como gênero, pobreza, raça e saúde interferem nos acessos ao lazer dentro da prisão.

Identificamos que a produção de conhecimentos sobre o lazer de pessoas LGBTQIA+ não é negligenciada, mas ainda é um tema explorado de forma tímida. Ainda é escassa a presença do lazer como pauta, em documentos concernentes da população LGBTQIA+. Embora ações e políticas de lazer aconteçam, elas ocorrem em movimentos isolados, com tendência para a realização de eventos espaçados. Também nos pareceu evidente que não existe um ano de maior incidência de produção científica, mas que esta produção é realizada de maneira espaçada, com concentração nas regiões Sul/Sudeste do Brasil.

Considerações Finais

A pesquisa permitiu uma percepção mais ampliada a respeito da intersecção do lazer a partir das experiências de pessoas LGBTQIA+, demonstrando que, apesar dos avanços, como indicado nas produções, ainda se observa uma necessidade de melhorias e inclusão, pois, principalmente no que diz respeito as políticas públicas, essa população ainda se encontra marginalizada diante da sociedade, o que corrobora com o descaso e falta de proteção.

⁷ Segundo Rodrigues (2022), trata-se da primeira unidade prisional do Brasil integralmente destinada às pessoas privadas de liberdade autodeclaradas da comunidade LGBT+, sendo que um dos pavilhões existentes no local tem sido reservado às mulheres trans

De modo geral, identificamos 15 trabalhos que abordam diretamente o lazer de populações LGBTQIA+. Se por um lado, não se trata de tema completamente invisibilizado, por outro, expõe que ainda é necessário ampliação da discussão, com mais autores e autoras que se dediquem a produzir sobre o assunto.

É possível encontrar textos que se repetem, sendo elaborados pela mesma autoria, com apresentação de “recortes” das pesquisas. Além disso, as datas das publicações são espaçadas, o que sugere falta de continuidade na produção de conhecimento sobre este tema. Isso revela a baixa visibilidade da comunidade LGBTQIA+ na sociedade e também no contexto acadêmico, indicando a necessidade de mais pesquisas a respeito do tema, como forma de incentivo e empoderamento.

Nos chamou atenção o destaque ao campo esportivo. Se por um lado, é entendido que o esporte reproduz comportamentos LGBTfóbicos, por outro, a prática esportiva também pode ser um espaço que se contraponha a esta lógica, possibilitando sociabilidades, afetos, formas outras de se organizar/viver, como no caso dos torcedores de futebol. O estudo destes trabalhos nos mostrou que as discussões sobre o lazer devem ser atravessadas pela interseccionalidade de gênero, classe e raça, pois estes fatores influenciam nas condições de acesso/permanência no lazer.

Outro ponto a destacar, é que as pesquisas tendem a abordar o lazer das pessoas LGBT+ no geral, ou a destacar as experiências de mulheres lésbicas e homens *gays*. Apenas um trabalho investigou o lazer de pessoas transexuais. É importante que os Estudos do Lazer focalizem também as experiências particulares dos segmentos, pois os atravessamentos sociais de classe, raça e gênero, vividas por sujeitos trans, implicam em desafios mais profundos, dada a sociedade transfóbica que vivemos.

Diante disso, reconhecemos que esta pesquisa apresenta limitações. Ressaltamos que os trabalhos aqui apresentados não expõem todo o universo de produções acadêmicas sobre lazer e pessoas LGBT+. Ou seja, este artigo apresenta um recorte da discussão em tela, pois outras pesquisas, em outros ambientes científicos, podem ser encontradas e revelar resultados diferentes dos aqui apresentados.

REFERÊNCIA

ANJOS, Luiza Aguiar dos. *Quando o silêncio é rompido: homossexualidades e esportes na internet*. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p.191. 2013.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. Representações sobre homossexualidades e esportes: desdobramentos para o campo do lazer. *Licere*. v. 17, n. 1, p. 1-36, mar/2014.

BARBOSA, Carla; LIECHTY, Toni; PEDERCINI, Raquel. restrições ao lazer feminino: particularidades das experiências de lazer de mulheres homossexuais. *Licere*. Belo Horizonte, v.16, n.2, jun/2013.

FUCHS, Jéssica Janine Bernhardt; HINING, Ana Paula Silva; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Psicologia e Cisnormatividade. *Psicologia e Sociedade*. v. 33, n. 1, p. 1-16, 2021.

GARCIA, Rafael Marques; FORTES, Rafael. Sentidos do consumo de drogas por homens homossexuais no contexto de lazer da região metropolitana do rio de janeiro. *Licere*. v.27, n.3, set/2024

GIL, Carlos, A. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2017.

GÓIS, João Bosco Hora; SOLIVA, Thiago Barcelos. A rua e o medo: algumas considerações sobre a violência contra jovens homossexuais em espaços públicos. In: *XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 2008, Caxambu – MG, *Anais*. Caxambu-MG: 2008.

KESSLER, Cláudia Samuel. “SÃO TUDO SAPATÃO”:: LESBIANIDADES E HETERONORMATIVIDADE NO FUTEBOL/FUTSAL BRASILEIRO. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. v. 7, n. 3, p. 45-62, 2020.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar?. *E-compôs*. v. 12, n. 2, p. 1-15, 2009.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e Sociedade: algumas aproximações. In: MARCELLINO, Nelson. Carvalho. (Org.). *Lazer e Sociedade: múltiplas relações*. Campinas: Alínea, 2008. p. 11- 26.

MAURÍCIO, Joise Simas de Souza; EUGÊNIO, Jordânia de Oliveira; PAULA Juliana Araújo de; SOARES, Khellen Cristina Pires Correia; NUNES, Raquel Rocha. Lazer e a opção decolonial: diálogos teóricos e possibilidades de construções contra-hegemônicas. *Licere*. Belo Horizonte, v.24, n.1, mar/2021.

Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2023. Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2024.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de. *Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/wp-content/uploads/2022/05/Relatorio-2019.pdf>. Acesso em: 11 de set, 2022.

PINTO, Mauricio Rodriguez; ALMEIDA, Marco Bettine. As torcidas queer em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. v. 1, n. 2, p. 105-116, 2014.

REIS, Danilo Augusto Santos; MARTINS, Alberto Mesaque. Diversidade sexual e políticas públicas de lazer para as pessoas LGBTTI. *Licere*. v. 23, n. 4, p. 510-534, 2020.

Rodrigues, Felipe Fonseca Oliveira. *Lazer, mulheres trans e sistema prisional: um estudo sobre as práticas de lazer na Penitenciária Professor Jason Soares Albergaria*. 263f. Mestrado (dissertação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Belo Horizonte, 2022.

SALES, Ricardo Augusto de Jesus. *Homossexualidades masculina, lazer e HIV/aids: entre a revelação e o encobrimento das identidades*. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p.130. 2009.

Silva, Luiza Cupertino Xavier da. *As populações LGBT+ nas políticas públicas de lazer do estado de Minas Gerais*. 172f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Belo Horizonte, 2021.

SILVA JÚNIOR, José Aelson da. *Pedagogia do armário: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais*. 160f. Tese (Doutorado em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

TAVARES, Marie Luce. *Na parada do lazer: diagnóstico do campo de atuação profissional nas ONGs LGBT de Belo Horizonte/MG*. 185f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

TAVARES, Marie Luce. Na parada do lazer: um olhar para as ações de lazer em ongs LGBT de Belo Horizonte/MG. In: II CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS DO LAZER, 2016, Belém. *Anais*. Belém: NAEA, ANPEL. 2016. p. 911-920.

TAVARES, Giselle Helena; POLO, Maria Clara Elias. Análise das produções dos principais periódicos de lazer: população LGBTI+ em foco. In: 4º CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS DO LAZER, 2021, Porto Alegre - RS. *Anais*. Porto Alegre: 2021b. p. 442-446.

TAVARES, Giselle Helena; POLO, Maria Clara Elias. As produções científicas dos principais periódicos de lazer: população lgbti+ em foco. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. v. 9, n. 2, p. 154-168, 2021a.

VIANNA, Cláudia Pereira. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios. *Educação e Pesquisa*. v. 41, p. 791-806, 2015.

V. 9, N. 21, 2025
DOI: [10.29327/268346.9.21-25](https://doi.org/10.29327/268346.9.21-25)